SABORES E SABERES DA MANDIOCA: UM SÍMBOLO DE IDENTIDADE, PERTENCIMENTO E RESISTÊNCIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CASTAINHO - GARANHUNS

MIRANDA, Ana Beatriz Gonçalves
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gastronomia da Universidade Federal do Ceará
Bolsista CAPES
E-mail: beatriz.gmiranda12@gmail.com

LOIOLA, Iasmim de Sousa
Graduanda do Bacharelado em Gastronomia da Universidade Federal do Ceará
Bolsista PIBIC/UFC
E-mail: sousa5iasmim@gmail.com

RÊGO, Luísa Bittencourt
Graduanda do Bacharelado em Gastronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: bittencourtluisa06@gmail.com

CALABRIA, Ericka Maria de Melo Rocha
Professora Associada do Bacharelado em Gastronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco
E-mail: ericka.rocha@ufrpe.br

CARNEIRO, Alessandra Pinheiro de Góes
Professora Adjunta do Bacharelado em Gastronomia, Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gastronomia da Universidade Federal do Ceará
E-mail: alessandra.carneiro@ufc.br

O Município de Garanhuns possui seis comunidades tradicionais registradas e certificadas, sendo Castainho, a única a ter suas terras demarcadas, de forma parcial, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), e com o título de posse coletiva da terra, concedido pelo Governo do Estado de Pernambuco (Brasil, 2020).

A história da Comunidade de Castainho é anterior à formação da cidade de Garanhuns e, de acordo com Simões (2022), se originou do desmembramento do Quilombo de Palmares, importante refúgio para os que escapavam do trabalho escravo nos engenhos de açúcar. No seu trajeto, o Rio Mundaú tornou-se a principal rota para alcançar a região onde os recém-chegados desenvolveram ligações e trocas de saberes com os indígenas que já a habitavam (Comissão Pastoral da Terra, 2013. Em sua construção histórica, a comunidade passou por diversos conflitos, em busca da demarcação de seu território, além de ter enfrentado outras questões políticas envolvendo o acesso a direitos básicos, como saúde e

educação. Em paralelo, as dimensões econômica e cultural da comunidade foram se estruturando em torno da terra.

A esse respeito, nota-se que a maioria dos povos e comunidades tradicionais no Brasil sobrevivem do plantio, processamento e venda da mandioca (Silva; Alves; Aquino, 2010), sobretudo por meio do cooperativismo. Ocupando papel central nesse processo estão as casas de farinha, as quais, segundo Santos (2015), são estruturas orgânicas sociais, comumente presentes na organização de comunidades quilombolas e povos indígenas.

As atividades agrícolas do Castainho alinham-se com esse modelo de produção, sendo a mandioca a sua principal fonte de subsistência, tanto por meio da comercialização do produto in natura, quanto dos seus derivados. Destacam-se, entre eles, a farinha, a goma e a massa de mandioca, sendo as duas últimas utilizadas para a manufatura da tapioca e do beiju, respectivamente, integrando a base da cultura alimentar da comunidade.

Considerando esse contexto, pretende-se refletir sobre o papel da mandioca e dos seus derivados como elementos de identidade e resistência cultural da comunidade quilombola de Castainho – Garanhuns, articulando debates teóricos sobre cultura alimentar e território.

Com o intuito de fomentar discussões, foi realizado um ensaio teórico, a partir da interconexão entre reflexões intelectuais, experiências vividas e a relação cultural com a sociedade em que habitamos (Meneghetti, 2011). Desse modo, com base em leituras prévias de artigos, livros, reportagens e vídeos, analisou-se a cultura alimentar do território de Castainho, com foco na produção da mandioca e seus derivados.

A priori, é importante pensar sobre os quilombos como locais não estáticos; para além de um espaço para escravizados fugidos (Silva; Bezerra, 2024), esses locais preservam as identidades coletivas, por meio dos laços familiares advindos da origem comum dos povos africanos (Machado, 2009). Além disso, a formação das comunidades tradicionais quilombolas no Brasil, em especial as de Pernambuco - que surgiram após a dissidência do do Quilombo de Palmares - consolidaram-se como espaços de manutenção de práticas socioculturais que rememoram a ancestralidade.

Assim, os territórios quilombolas são locais que preservam e resignificam a identidade cultural de seus povos assegurando seus espaços étnicos e históricos, representando uma riqueza sociocultural inestimável (Machado, 2009), noção complementada por Hooks (2022), ao falar da relação do pertencimento com o território, e da importância dos saberes ancestrais. Com isso, consegue-se vislumbrar a comunidade de

Castainho enquanto um lugar de pertencimento cultural, reconhecendo o seu histórico de lutas para a manutenção de sua identidade e dignidade e de afirmação de uma história muitas vezes silenciada.

Em meio às práticas culturais perpetuadas por povos e comunidades tradicionais, encontra-se a comida, que para além da subsistência, é também uma forma de resistência, e na qual o alimento presente em cada momento possui importância histórica (Silva; Bezerra, 2024). São essas práticas alimentares que mantém viva a sociabilidade advinda dos ancestrais, saberes que seguem mantidos pelos mais jovens, como forma de preservação de memórias e do reconhecimento de sua identidade ao pertencer a um grupo resiliente e cooperativista.

Uma das principais tradições alimentares das comunidades quilombolas - e que está presente no Castainho - é a mandiocultura, ocorrendo o cultivo para subsistência e a comercialização dos excedentes. Essa prática agrícola e alimentar, que cria uma relação entre culinária e territorialidade (Simões, 2022), também preserva a natureza (Gomes; Barbosa, 2024). Como principal atividade econômica, a produção da mandioca torna-se elemento central na luta pela manutenção do território e fundamental na preservação do quilombo (Comissão Pastoral da Terra, 2013).

Nas casas de farinha, em geral, são desempenhados os saberes associados à mandioca, caracterizando-se como espaços de sociabilidade onde outras expressões culturais aparecem à medida em que se dá o preparo e o consumo da raiz (Gomes; Barbosa, 2024). Em Castainho, esses espaços onde ocorrem as farinhadas[1] tornaram-se locais políticos onde a produção destaca o protagonismo das mulheres na expressão culinária da comunidade (Simões, 2022). Essa influência é liderada pelo grupo Guerreiras Quilombolas, que associa o trabalho com a mandioca à manutenção da ancestralidade (Guerreiras Quilombolas do Castainho, 2022).

O produto é peça-chave da Comunidade Quilombola de Castainho, com relevância econômica e para a cultura alimentar da região. Dele são produzidos, de modo artesanal, a massa de mandioca e a goma de tapioca, utilizadas em bolos, tapiocas e beijus (Silva; Alves; Aquino, 2010). Dentre esses preparos, Simões (2022) e Silva e Bezerra (2024) destacam, como práticas ancestrais de pertencimento étnico para a comunidade de Castainho, as práticas

[1] De acordo com Santos (2015), as farinhadas são o período em que a comunidade colhe a mandioca, raspa e processa, com isso produzindo farinhas, goma, massa e polvilhos. Inclui momentos de intensa interação comunitária.

e saberes relacionados à confecção do beiju no caco e do pé de moleque. Ambos utilizam-se da matéria prima da mandioca processada, sendo o último feito com a massa de puba.

Devido a essa robustez produtiva, esses subprodutos extrapolam o consumo interno e tornam-se instrumento de geração de renda, ocupando feiras, principalmente no município de Garanhuns, e conferindo visibilidade à comunidade em eventos como o Festival de Inverno, realizado anualmente. Nesse cenário, o beiju destaca-se não apenas como alimento, mas como um símbolo da resistência das mulheres beijuzeiras, sendo um preparo de importância para a cultura alimentar do Castainho e de Garanhuns (Comissão Pastoral da Terra, 2013).

Portanto, conclui-se que a mandioca e seus derivados são elementos de identidade e resistência cultural da comunidade quilombola de Castainho – Garanhuns, fortalecendo a cultura alimentar e o território na região, preservando memórias ancestrais e incentivando o reconhecimento de suas práticas alimentares.

Palavras-chave: mandioca; Pernambuco; gênero; cultura; território.

Agradecimentos e apoios: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). **Comunidade quilombola recebe título de regularização de terras em Pernambuco**. Brasília, 27 de out. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/noticias/comunidade-quilombola-recebe-titulo-de-regularizacao-de-terras-em-pernambuco. Acesso em: 19 dez. 2025.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Castainho:** contando sua história.Recife: Editora Universitária UFPE, 2013. 39 p.

GOMES, Wanessa da Silva; BARBOSA, Jucelino Mendes. Quilombo Castainho e suas ancestralidades. *In*: COSTA, Robson Pedrosa; GOMES, Wanessa da Silva; VERAS, Dimas Brasileiro (org.). **História, memória e saberes ancestrais**: uma proposta inovadora para uma luta antirracista. Cachoeirinha: Fi, 2024. E-book.

GUERREIRAS QUILOMBOLAS DO CASTAINHO. **Guerreiras Quilombolas do Castainho**: nossa ancestralidade nos guia. Youtube, 3 maio 2022. 1 vídeo (15 min 32 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MbYvdlrYGCc. Acesso em: 7 dez. 2025.

HOOKS, Bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022. 284 p.

MACHADO, Maria Giseuda de Barros. História e memória na formação de identidades no Castainho: busca de significados aos quilombolas em Garanhuns-PE. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: ANPUH, 2009.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. Tréplica - o que é um ensaio-teórico? Tréplica à professora Kazue Saito Monteiro de Barros e ao professor Carlos Osmar Bertero. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 343–348, abr. 2011.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SILVA, Antonio Belo da; ALVES, Maria Aparecida Vanderlei; AQUINO, Denize Tomaz de. A importância da produção da mandioca na comunidade do Castainho-Garanhuns-PE. **Breves Contribuciones del Instituto de Estudios Geográficos**, [S.l.], n. 22, p. 75-90, 2010.

SILVA, Halda Simões; BEZERRA, Edvania Kehrle. Cozinha de quilombo: a salvaguarda dos conhecimentos ancestrais e da identidade quilombola. *In*: COSTA, Robson Pedrosa; GOMES, Wanessa da Silva; VERAS, Dimas Brasileiro (org.). **História, memória e saberes ancestrais**: uma proposta inovadora para uma luta antirracista. Cachoeirinha: Fi, 2024. E-book.

SIMÕES, Halda. Castainho. *In*: BEZERRA, Edvania Kehrle. **Cozinha de Quilombo**: cultura, patrimônio, ancestralidade. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/564. Acesso em: 6 dez. 2025.